

ESTILOS DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS NUM CURSO TÉCNICO DE ENFERMAGEM¹

Etelvina Vitor dos Santos²
Isabel Cristina Kowal Olm Cunha³

RESUMO

Identificar os Estilos de Aprendizagem de alunos num Curso Técnico de Enfermagem foi o objetivo desta pesquisa, desenvolvida em uma instituição de ensino de nível médio com formação na área de enfermagem. Responderam o instrumento Índice de Estilos de Aprendizagem de Felder-Soloman (ILS) 46 alunos. Os resultados mostraram que em sua maioria os alunos têm percepção sensorial, processamento ativo, e entendimento sequencial das informações, com equilíbrio na entrada visual e na entrada verbal. Entende-se que a relevância deste estudo, está em mostrar a necessidade de o professor desenvolver as aulas com estratégias de ensino, que levem em conta os diversos estilos de aprendizagem dos alunos, o que poderá norteá-los para uma aprendizagem significativa.

Palavras-chave: estilos de aprendizagem, aprendizagem, papel do técnico de enfermagem, ensino.

¹ Parte integrante da Tese de Doutorado em desenvolvimento na Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo – EPE/UNIFESP.

² Enfermeira. Mestre em Ciências. Doutoranda e Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração em Saúde e Gerenciamento de Enfermagem - GEPAG da EPE/UNIFESP. Endereço para correspondência: Avenida Leonardo da Vinci, 383, apto. 242, Jabaquara, São Paulo, CEP 04313-000. E-mail: santos.etelvina@gmail.com

³ Enfermeira. Livre Docente em Administração em Enfermagem. Professora Associada e Líder do GEPAG da EPE/UNIFESP. Orientadora. Email: isabelcunha@unifesp.br

ESTILOS DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS NUM CURSO TÉCNICO DE ENFERMAGEM

INTRODUÇÃO

Ao ministrar aulas, corrigir provas, avaliar estudos de casos, ler súmulas das aulas, acompanhar os discentes de curso técnico de Enfermagem na participação em jogos e em brincadeiras pedagógicas, observou-se que alguns alunos demonstravam ter assimilado melhor o conteúdo do que outros. Percebeu-se ainda que a assimilação melhor ou não do conteúdo poderia estar diretamente ligada aos recursos que se utilizava para desenvolvê-los. Diante das observações e percepções, perguntou-se: As pessoas aprendem sempre do mesmo modo ou de formas diferentes?

Para Anastasiou (2003), no processo de aprender, o aluno faz uso de processos mentais ou operações do pensamento, para efetivar construções mentais variadas. Refere ainda que aprender é uma ação não passiva e que significa tomar conhecimento, reter na memória mediante estudo, assimilar mentalmente, entender e compreender. Bartalo (2006) refere que o processo de aprendizagem do aluno pode ser com enfoque superficial se apenas memoriza para situações momentâneas ou com enfoque profundo quando relaciona a nova informação aos seus conhecimentos prévios, bem como às suas experiências, na busca de significados e de compreensão da realidade.

Chaleta, Grácio e Rosário (2006), consideram que estratégias de aprendizagem são atividades que o aluno utiliza no momento de aprender para tornar mais fácil a aquisição, o armazenamento, a evocação e a aplicação do conhecimento. Bartalo (2006) denomina as estratégias de aprendizagem como estratégias cognitivas de aprendizagem, por pressuporem o uso de processos mentais, onde a metacognição leva à consciência desses processos mentais por parte de quem os utiliza o que permite seu monitoramento, avaliação e regulação. Stedile e Friendlander (2003) corroboram com este pensamento quando referem que metacognição é a condição das pessoas pensarem sobre o seu pensar e com isso, possibilita o desenvolvimento e o controle de habilidades cognitivas. Dessa maneira, entende-se que a metacognição é a consciência que cada indivíduo tem do seu modo de proceder e perceber como aprende.

Cada pessoa é única, com peculiaridades próprias, habilidades, preferências e maneiras de ponderar e agir. Isso faz com que cada sujeito tenha sua forma diferenciada de receber e processar as informações acolhidas e percebidas da realidade ao seu redor. Para Tacca e Rey (2008) as pessoas se comportam de forma heterogênea por causa da diversidade em seus processos psicológicos que incluem aspectos cognitivos, emocionais e habilidades em um cenário e contexto que oportunizam diferentes sugestões e formas de aprender. Já para Ferraz, Krauzer e Silva (2009) as formas de aprendizagem que revelam como os alunos aprendem o conteúdo são atividades teórico-práticas, professor e método de estudo. Essas formas, de algum modo, parecem restritivas e podem não contemplar as formas de aprendizagem em seu conjunto.

Essas maneiras exclusivas de perceber e trabalhar as informações no âmbito da aquisição de novos conhecimentos é denominado “Estilos de Aprendizagem” que estão relacionados à forma particular de adquirir conhecimentos, habilidades e atitudes por meio da experiência ou anos de estudo e seriam como um subconjunto dos estilos cognitivos, resultado da hereditariedade, educação, personalidade e da adaptação do indivíduo às demandas do ambiente (Silva, 2006).

É fundamental identificar os estilos de aprendizagem dos alunos, para explicar porque certos métodos de ensino funcionam bem com alguns alunos e com outros não (Kuri, Silva, Pereira, 2006). Ferraz, Krauzer e Silva (2009), referem que o processo de ensinar pode

despertar nos sujeitos envolvidos (professor e alunos), a necessidade de investigar e de desvelar a realidade, para que por meio de seu conhecimento, eles possam formular propostas adequadas de intervenção. Neste aspecto, o ato de ensinar e aprender necessita de uma mobilização constante de professores e alunos na busca de alternativas que promovam o conhecimento e aprendizagem. A aprendizagem proporciona às pessoas a condição de adaptação às exigências do ambiente e do meio em que vivem o que é corroborado por Tacca e Rey (2008) quando destacam que é necessário desempenhar atividades de aprendizado para *se viver*, como também para *ser* nos processos de socialização.

O desafio da escola será o de transitar entre a igualdade e a diferença, entre aquilo que precisa e deve ser igual para todos e entre aquilo que só pode ser visto sob o prisma da diversidade (Tacca e Rey, 2008). A ação do professor pode contribuir para o aprendizado do aluno, pois quando tem domínio do conteúdo, abre espaços para o diálogo, relaciona teoria com a prática e utiliza didática atrativa e dinâmica (Ferraz, Krauzer e Silva, 2009).

A necessidade emergente de se investir nos estilos de aprendizagem, prefigura a superação de cada obstáculo, mediante mecanismos de participação, potenciando e incrementando, na medida em que isso seja possível, a adoção de uma metodologia de ensino diferenciada.

O novo paradigma da educação tem como princípio o desenvolvimento de conceitos e instrumentos que viabilizem ao aluno, passar a controlar seu processo de aprendizagem, que é condição para sobreviver (Bartalo, 2006). A utilização potencial de instrumento que possa diagnosticar estilos de aprendizagem pode privilegiar uma práxis educacional para além das contradições e dificuldades, particularizando uma maneira de ver preventiva, e não mais curativa, o aluno com suas particularidades quanto às formas de aprender.

A educação profissional, garantida nos artigos 39 a 42 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 (LDB/96), regulamentada pelo Decreto nº 2.208 de 17 de abril de 1997, dá ênfase à educação profissional, visa promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, proporciona a formação de profissionais aptos a exercerem atividades específicas no trabalho. No artigo 37 parágrafo 1º, está previsto que os sistemas de ensino assegurarão aos jovens e às pessoas adultas oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, há que se partir do reconhecimento da individualidade do aluno e procurar desenvolver suas potencialidades (Brasil, 1997).

O Técnico de Enfermagem (TE) é um profissional existente desde 1966, quando foi criado o primeiro curso na Escola Ana Néri no Rio de Janeiro. A regulamentação para o exercício profissional ocorreu efetivamente em 1986, com a Lei nº 7.498, regulamentada pelo Decreto-Lei nº 94.406/87 (Kobayashi e Leite, 2004). Na educação profissional, a formação do TE vem sofrendo transformações relativas às novas concepções concretizadas por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional (Cruz e Almeida, 2010).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Educação Profissional de Nível Técnico são tratadas no Parecer CNE/CEB nº 16/99 e norteiam para a construção de currículos que proporcionem a inserção do profissional no mercado de trabalho atual e futuro (Ministério da Educação, Parecer 1999). As DCN para a educação profissional técnica de nível médio devem retomar a educação profissional não adestradora, não fragmentada. Devem dar aos jovens e adultos trabalhadores, na interação com a sociedade, os elementos para discutir, além de entender a ciência que move os processos produtivos e as relações sociais geradas com o sistema produtivo (Educação Profissional Técnica em Debate, 2012).

Faz-se necessário que no espaço da relação pedagógica haja oportunidade de vivenciar a prática esperada, tanto por parte do professor como do aluno, para formação de um profissional que seja um agente de mudança, pois ninguém promove o desenvolvimento daquilo que não teve a oportunidade de desenvolver em si mesmo (Reibnitz e Prado 2004).

Se o aluno, quando em seu processo de ensino-aprendizagem, tem vivências compatíveis com a realidade na qual exercerá suas atividades, chegará a esta realidade sabendo mobilizar-se para a ação, não só a física, mas também a intelectual cognitiva, buscando possíveis alternativas de solução, quando se deparar com situações semelhantes às vivenciadas em sala de aula (Santos, 2007).

Na Enfermagem o ensino é fortemente articulado com a prática assistencial que é espaço rico de oportunidades de vivências diferenciadas, que estimula o pensamento crítico-criativo (Reibnitz e Prado, 2003). O modelo de desenvolvimento neste ensino pode propiciar uma pontual correspondência entre objetivos e recursos, nos interesses do aluno, professor, conteúdo e instituição, com recuperação em termos de eficiência e eficácia, para um indispensável salto de qualidade, principalmente se considerarem o estilo de aprendizagem do aluno. Todavia, não foram localizados estudos para identificar os estilos de aprendizagem em alunos de cursos de Técnico de Enfermagem, o que reforçou a vontade de se desenvolver esta pesquisa.

OBJETIVO

Identificar os Estilos de Aprendizagem de alunos num Curso Técnico de Enfermagem.

CAMINHO METODOLÓGICO

O caminho metodológico consiste na maneira como o pesquisador buscou o saber que anseia, exercendo uma abordagem na realidade, dispondo de procedimentos claros, coerentes e bem elaborados que lhe permitiram atingir os objetivos propostos na pesquisa (Minayo, 1998).

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma instituição de ensino de nível médio com formação na área de enfermagem, localizada na zona leste da cidade de São Paulo. Estudo exploratório e descritivo, pois dirigiu o olhar para uma maior proximidade com o fenômeno em estudo, por meio do levantamento de referências e tornou-o mais explícito. Na abordagem do problema prevaleceu o aspecto quantitativo, pois se caracterizou pelo emprego de descrição quântica tanto na coleta de informações quanto no seu tratamento, por meio de representação e explicação sistemática do fenômeno estudado.

O estudo atendeu as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos, constantes da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (Ministério da Saúde, Resolução 196/96, 2012), tais como o respeito à liberdade e privacidade dos sujeitos do estudo, a não interferência nas rotinas do local onde foi efetuado o estudo e a manutenção do caráter confidencial dos dados coletados. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (parecer nº 66254/2012) e a Direção do Estabelecimento do Ensino autorizou a coleta de dados, realizada em fevereiro, março e abril de 2013.

A população do estudo foi composta de 60 alunos do Curso Técnico de Enfermagem. Para inclusão no estudo o aluno deveria estar em sala de aula nos dias da coleta e dar sua concordância em participar, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, após esclarecimentos da pesquisadora quanto ao objetivo da pesquisa. Foi excluído do estudo, aluno ausente da sala de aula nos dias da coleta e aluno presente que não deu sua concordância no TCLE.

Para identificar os estilos de aprendizagem destes alunos utilizou-se o questionário Índice de Estilos de Aprendizagem (ILS) de Soloman & Felder, que é composto por 4 dimensões: percepção (descoberta), os alunos podem ser **sensoriais ou intuitivos**; entrada (aquisição), os alunos podem ser **visuais ou verbais**; processamento (análise), os alunos podem ser **ativos ou reflexivos** e entendimento (aprendizagem), os alunos podem ser **sequenciais ou globais**

(Vieira, 2010). Assim, o instrumento contém 44 questões divididas em alternativas a e b, e os alunos assinalavam apenas uma opção (Anexo 1).

O instrumento ILS estabelece que:

- Os itens 02, 06, 10, 14, 18, 22, 26, 30, 34, 38 e 42, **letra a** são da dimensão **percepção** (descoberta) **sensorial** e **letras b** são da dimensão **percepção** (descoberta) **intuitiva**;
- Os itens 03, 07, 11, 15, 19, 23, 27, 31, 35, 39 e 43, **letras a** são da dimensão **entrada** (aquisição) **visual** e **letras b** são da dimensão **entrada** (aquisição) **verbal**;
- Os itens 01, 05, 09, 13, 17, 21, 25, 29, 33, 37 e 41, **letras a** são da dimensão **processamento** (análise) **ativo** e **letras b** são da dimensão **processamento** (análise) **reflexivo**;
- Os itens 04, 08, 12, 16, 20, 24, 28, 32, 36, 40 e 44, **letras a** são da dimensão **entendimento** (aprendizagem) **sequencial** e **letras b** são da dimensão **entendimento** (aprendizagem) **global**.

Com fins privativos a este estudo, disponibilizou-se o questionário no formato digital (Google Drive) em computador do estabelecimento de ensino, para que os alunos nos dias de coleta, respondessem individualmente ao questionário. A pesquisadora ficou próxima, para esclarecimentos necessários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabulação dos dados aconteceu na plataforma Google Drive. Com a análise quantitativa dos dados, chegou-se a números absolutos e percentuais, quanto à identificação e também quanto aos estilos de aprendizagem dos alunos.

A amostra foi de 46 alunos, de um Curso Técnico de Enfermagem e com a análise dos dados identificou-se entre os alunos que: 36 (77%) eram do sexo feminino, 34 (72%) estavam na faixa etária entre 18 e 35 anos, 3 (6%) tinham curso superior, 15 (32%) trabalhavam como Auxiliar de Enfermagem e 20 (43%) trabalhavam em área diferente da Enfermagem.

Na análise dos 44 itens do ILS respondidos pelos alunos, obteve-se resultados em números absolutos e percentuais, conforme demonstrado no Quadro 1.

Quadro 1: Total de respostas dos alunos para cada dimensão

DIMENSÕES	TOTAL DE RESPOSTAS	PERCENTUAL
1-Percepção (descoberta) Sensorial	341	67,39
2-Percepção (descoberta) Intuitiva	165	32,60
3-Entrada (aquisição) Visual	267	52,76
4-Entrada (aquisição) Verbal	239	47,23
5-Processamento (análise) Ativo	310	61,26
6-Processamento (análise) Reflexivo	196	38,73
7-Entendimento (aprendizagem) Sequencial	301	59,48
8-Entendimento (aprendizagem) Global	205	40,51

Os maiores escores correspondem ao estilo de aprendizagem identificado nos alunos, ressaltando-se, contudo que, as pessoas possam no seu processo de aprendizagem transitar nos oito estilos.

Na dimensão visual/verbal a diferença não é significativa, o que se pode inferir que o grupo tem um equilíbrio quando se trata dessas duas dimensões.

Estudo com o uso do ILS que Silva (2006) realizou com alunos do Curso de Contabilidade da FEA-SP, apresentou resultados semelhantes a esta pesquisa, com exceção para a dimensão visual/verbal que não apresentou equilíbrio.

Assim, observou-se que, neste grupo de alunos, a maior parte se inclui em estilo de aprendizagem com percepção sensorial, entrada visual, processamento ativo e entendimento sequencial.

CONCLUSÃO

O processo de ensino-aprendizagem é identificado como aquele em que há o envolvimento do aluno, do professor, do assunto e da instituição, sendo assim, tanto os alunos, quanto professores e instituições de ensino devem discutir e experimentar novas alternativas para aumento da eficácia e da eficiência desse processo (Silva, 2006).

Com este estudo, percebeu-se que conhecer os estilos de aprendizagem dos alunos, pode ser um diferencial nas ações do docente durante o processo ensino-aprendizagem. O docente poderá assim, em sala de aula, diversificar as estratégias de ensino, de forma a contemplar os diversos estilos de aprendizagem, com a proposta de favorecer os alunos, quanto a percepção (sensorial/intuitiva), a retenção (visual/verbal), o processamento (ativo/reflexivo) e a compreensão (sequencial/global) das informações, para uma construção de conhecimento com satisfação e autonomia.

Para contemplar alunos com percepção sensorial, o docente poderá propor resolução de problemas com métodos estabelecidos, sem complicações e surpresas, bem como alterar conteúdos teóricos por trabalhos, já para a percepção intuitiva poderá utilizar situações problema como estratégia de aula, com desafios a soluções inovadoras. Entende-se que o uso de filmes e demonstrações poderá proporcionar aos alunos com retenção visual uma melhor assimilação do conteúdo, enquanto que para o estilo de aprendizagem com retenção verbal, a leitura de textos e a elaboração de relatórios sejam de melhor aplicabilidade. Espera-se que para atender alunos com processamento ativo das informações, o professor proponha discussões, trabalhos em grupos e também desenvolva experimentos durante suas aulas, enquanto que os alunos com processamento reflexivo que necessitam de tempo para pensar muito, promova trabalhos individuais como uma das estratégias de ensino. As estratégias de ensino que orientam os alunos a seguirem um caminho lógico na busca de solução, podem contemplar de forma mais efetiva o estilo de aprendizagem com entendimento sequencial, enquanto que a dimensão de entendimento global desenvolver relatórios que contextualizem o assunto da aula com a utilização na prática, podem proporcionar uma melhor assimilação do conteúdo da disciplina (Catholico, 2009).

O processo de ensino-aprendizagem pode se tornar obscuro por compreender o ensinar e o aprender. Entende-se que o professor ao apresentar aulas levando em consideração os estilos de aprendizagem dos alunos, pode potencializar a aprendizagem. Num ensino que considera os estilos de aprendizagem, entende-se que os alunos e como eles aprendem serão os pontos de convergência para uma prática pedagógica que não unificará os aprendizes, pois o professor respeitará as características individuais, norteando-os para uma aprendizagem significativa.

Os resultados deste estudo mostraram que dos 46 alunos do curso Técnico de Enfermagem analisados, em sua maioria são sensoriais, ativos, sequenciais e com equilíbrio na dimensão visual/verbal.

Entende-se que a relevância deste estudo, está em mostrar a necessidade de o professor fazer aulas com estratégias de ensino que levem em conta os diversos estilos de aprendizagem, para que alunos não tenham prejuízos no seu processo de aprendizagem.

A necessidade emergente de se investir na identificação dos estilos de aprendizagem, pressupõe a superação de cada obstáculo, mediante mecanismos de participação, possibilitando na medida em que isso seja possível, a adoção de uma metodologia de ensino

diferenciada. Faz-se necessário que outros estudos na área da Enfermagem sejam realizados com o uso do instrumento ILS.

REFERÊNCIAS

Anastasiou L, Alves LP. Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville, SC: Univille; 2003.

Bartalo L. Estratégias de estudo e aprendizagem de alunos universitários: learning and study strategies inventory (LASSI) adaptação e validação para o Brasil/ Linite Bartalo. – Marília, 2006. 213f.

Brasil. Decreto n. 2208 [online] 1997 abril [citado em 2010 Dez 11]. Disponível em URL: http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/d2208_97.htm

Catholico RAR. Estratégia de ensino em curso técnico a partir dos estilos de aprendizagem de Felder-Soloman [dissertação]. São Carlos, 2009.

Chaleta ME, Grácio ML e Rosário P. Actas do VIII Congresso Galaico Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2ª Edição, 2006. ISBN-10: 972-8746-45-8 / ISBN-13: 978-972-8746-45-2.

Cruz AMP, Almeida MA. Competências na formação de Técnicos de Enfermagem para implementar a Sistematização da Assistência de Enfermagem. Rev Esc Enferm USP 2010; 44(4): 921-7.

Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Debate-MEC portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=&gid=6695&option... Formato do arquivo: PDF/Adobe Acrobat - [Visualização rápida](#) visando a atualização das *Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN)* para a *educação profissional* técnica de nível médio, elaborados por comissão instituída . consultada em 10-06-2012.

Ferraz L, Krauzer IM, Silva LC. As formas de aprendizagem mais significativas para os estudantes de enfermagem. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 137-147, mar./ju.2009.

Kobayashi RM, Leite MMJ. Formação de competências administrativas do técnico de enfermagem. Rev Latino-am Enfermagem 2004 março-abril; 12(2):221-7.

Kuri NP, Silva ANR e Pereira MA. Estilos de aprendizagem e recursos da hipermídia aplicados no ensino de planejamento de transportes. Revista Portuguesa de Educação: 19(2), PP.111-137;2006.

Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; 1998.

Ministério da Educação. Parecer CNE/CEB n. 16/99 de 05-10-1999. Disponível em http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/rede/legisla_rede_parecer1699.pdf. Acesso em 28-04-2011.

Ministério da Saúde-Resolução CNS 196/96 – versão 2012

http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/arquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_ENCEP2012.pdf. Acesso em 17-12-2012.

Reibnitz KS e Prado ML. Formação do Profissional crítico-criativo: a investigação como atitude de (re) conhecimento do mundo. *Texto Contexto Enferm* 12(1):26-33;2003.

Reibnitz KS. Profissional crítico-riativa em enfermagem: a construção do espaço interseção na relação pedagógica. *Rev Bras Enferm* 2004;57(6):698-702.

Santos EV. Estratégias não convencionais de ensino na formação do auxiliar de enfermagem [tese de mestrado]. São Paulo: UNIFESP-Departamento de Enfermagem, 2008.

Silva DM. O impacto dos estilos de aprendizagem no ensino de contabilidade na FEA-RP/USP [dissertação]. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto; 2006 [acesso 29-03-2012]. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/96/96133tde-24012007-152550/>.

Stedile NLR, Friendlander MR. Metacognição e ensino de enfermagem: uma combinação possível? *Rev Latino-am Enfermagem* 11(6):792-9;2003.

Tacca MCVR, Rey FLG. Produção do Sentido Subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. *Psicologia Ciência e Profissão* 28(1):138-61;2008.

Vieira Junior N. Estilos de aprendizagem: é seguro medi-los e utilizá-los? Disponível em <http://www.partes.com.br/educacao/estilosdeaprendizagem.asp>, publicado em 2010. Acesso em 01-04-2012.

ANEXOS

Anexo 1 – MAPEAMENTO DOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM - ILS DE FELDER-SOLOMAN

1. Eu compreendo melhor alguma coisa depois de:

- a) experimentar.
- b) refletir sobre ela.

2. Eu me considero:

- a) realista.
- b) inovador.

3. Quando eu penso sobre o que fiz ontem, é mais provável que aflorem:

- a) figuras.
- b) palavras.

4. Eu tendo a:

- a) compreender os detalhes de um assunto, mas a estrutura geral pode ficar imprecisa.
- b) compreender a estrutura geral de um assunto, mas os detalhes podem ficar imprecisos.

5. Quando estou aprendendo algum assunto novo, me ajuda:

- a) falar sobre ele.

b) refletir sobre ele.

6. Se eu fosse um professor, eu preferiria ensinar uma disciplina:

- a) que trate com fatos e situações reais.
- b) que trate com ideias e teorias

7. Eu prefiro obter novas informações através de:

- a) figuras, diagramas, gráficos ou mapas.
- b) instruções escritas ou informações verbais

8. Quando eu compreendo:

- a) todas as partes consigo entender o todo.
- b) o todo consigo ver como as partes se encaixam.

9. Em um grupo de estudo, trabalhando um material difícil, eu provavelmente:

- a) tomo a iniciativa e contribuo com ideias.
- b) assumo uma posição discreta e escuto.

10. Acho mais fácil:

- a) aprender fatos.
- b) aprender conceitos.

11. Em um livro com uma porção de figuras e desenhos, eu provavelmente:

- a) observo as figuras e desenhos cuidadosamente.
- b) atento para o texto escrito.

12. Quando resolvo problemas de matemática, eu:

- a) usualmente trabalho de maneira a resolver uma etapa de cada vez.
- b) frequentemente antevejo as soluções, mas tenho que me esforçar muito para conceber as etapas para chegar a elas.

13. Nas disciplinas que cursei eu:

- a) em geral fiz amizade com muitos dos colegas.
- b) raramente fiz amizade com muitos dos colegas.

14. Em literatura de não-ficção, eu prefiro:

- a) algo que me ensine fatos novos ou me indique como fazer alguma coisa.
- b) algo que me apresente novas ideias para pensar.

15. Eu gosto de professores:

- a) que colocam uma porção de diagramas no quadro.
- b) que gastam bastante tempo explicando.

16. Quando estou analisando uma história ou novela eu:

- a) penso nos incidentes e tento colocá-los juntos para identificar os temas.
- b) tenho consciência dos temas quando termino a leitura e então tenho que voltar atrás para encontrar os incidentes que os confirmem.

17. Quando inicio a resolução de uma "tarefa de casa", normalmente eu:

- a) começo a trabalhar imediatamente na solução.

b) primeiro tento compreender completamente o problema.

18. Prefiro a ideia do:

- a) certo.
- b) teórico.

19. Relembro melhor:

- a) o que vejo.
- b) o que ouço.

20. É mais importante para mim que o professor:

- a) apresente a matéria em etapas sequenciais claras.
- b) apresente um quadro geral e relacione a matéria com outros assuntos.

21. Eu prefiro estudar:

- a) em grupo.
- b) sozinho.

22. Eu costumo ser considerado (a):

- a) cuidadoso (a) com os detalhes do meu trabalho.
- b) criativo (a) na maneira de realizar meu trabalho.

23. Quando busco orientação para chegar a um lugar desconhecido, eu prefiro:

- a) um mapa.
- b) instruções por escrito.

24. Eu aprendo:

- a) num ritmo bastante regular. Se estudar pesado, eu "chego lá".
- b) em saltos. Fico totalmente confuso (a) por algum tempo, e então, repentinamente eu tenho um "estalo".

25. Eu prefiro primeiro:

- a) experimentar as coisas.
- b) pensar sobre como é que eu vou fazer.

26. Quando estou lendo por lazer, eu prefiro escritores que:

- a) explicitem claramente o que querem dizer.
- b) dizem as coisas de maneira criativa, interessante.

27. Quando vejo um diagrama ou esquema em uma aula, relembro mais facilmente:

- a) a figura.
- b) o que o professor disse a respeito dela.

28. Quando considero um conjunto de informações, provavelmente eu:

- a) presto mais atenção nos detalhes e não percebo o quadro geral.
- b) procuro compreender o quadro geral antes de atentar para os detalhes.

29. Relembro mais facilmente:

- a) algo que fiz.
- b) algo sobre o que pensei bastante.

30. Quando tenho uma tarefa para executar, eu prefiro:

- a) dominar uma maneira para a execução da tarefa.
- b) encontrar novas maneiras para a execução da tarefa.

31. Quando alguém está me mostrando dados, eu prefiro:

- a) diagramas ou gráficos.
- b) texto sumarizando os resultados.

32. Quando escrevo um texto, eu prefiro trabalhar (pensar a respeito ou escrever):

- a) a parte inicial do texto e avançar ordenadamente.
- b) diferentes partes do texto e ordená-las depois.

33. Quando tenho que trabalhar em um projeto em grupo, eu prefiro que se faça primeiro:

- a) um debate (brainstorming) em grupo, onde todos contribuem com ideias.
- b) um brainstorming individual, seguido de reunião do grupo para comparar as ideias.

34. Considero um elogio chamar alguém de:

- a) sensível.
- b) imaginativo.

35. Das pessoas que conheço em uma festa, provavelmente eu me recordo melhor:

- a) da sua aparência.
- b) do que elas disseram sobre si mesmas.

36. Quando estou aprendendo um assunto novo, eu prefiro:

- a) concentrar-me no assunto, aprendendo o máximo possível.
- b) tentar estabelecer conexões entre o assunto e outros a ele relacionados.

37. Mais provavelmente sou considerado (a):

- a) expansivo (a).
- b) reservado (a).

38. Prefiro disciplinas que enfatizam:

- a) material concreto (fatos, dados).
- b) material abstrato (conceitos, teorias).

39. Para entretenimento, eu prefiro:

- a) assistir televisão.
- b) ler um livro.

40. Alguns professores iniciam suas preleções com um resumo do que irão cobrir. Tais resumos são:

- a) de alguma utilidade para mim.
- b) muito úteis para mim.

41. A ideia de fazer o trabalho de casa em grupo, com a mesma nota para todos do grupo:

- a) me agrada.
- b) não me agrada.

42. Quando estou fazendo cálculos longos:

- a) tendo a repetir todos os passos e conferir meu trabalho cuidadosamente.
- b) acho cansativo conferir o meu trabalho e tenho que me esforçar para fazê-lo.

43. Tendo a descrever os lugares onde estive:

- a) com facilidade e com bom detalhamento.
- b) com dificuldade e sem detalhamento.

44. Quando estou resolvendo problemas em grupo, mais provavelmente eu:

- a) penso nas etapas do processo de solução.
- b) penso nas possíveis consequências, ou sobre aplicações da solução para uma ampla faixa de áreas.